

**SINFONIA DA PALAVRA: PAISAGENS SONORAS NAS PRÁTICAS  
ESCRITURAIS DE CLARICE LISPECTOR**

**KARINA ROCHA DE OLIVEIRA<sup>1,2\*</sup>, MARCELA ALVARES MACIEL<sup>3</sup>**

**1 Introdução**

A cidade e a literatura não devem ser compreendidas meramente como suportes visuais ou documentais, mas como espaços pulsantes. Sob a ótica da ecologia acústica, compreende-se que “toda paisagem sonora é composta por três categorias de sons: antropofônicos, geofônicos e biofônicos” (Krause, 2013). Essa grande orquestra do mundo mescla o silêncio e sonoridade na tessitura das cidades, exigindo do sujeito uma percepção sensível que ultrapassa a tradicional hegemonia do olhar.

Em resposta a essa orquestra das cidades, a prática escritural de Clarice Lispector consolida o que se denomina “escrever de ouvido”. Nessa perspectiva teórica, “o ouvido deixa de ser um órgão receptivo e passa a ser ativo, propositivo, criativo” (Rocha, 2015). O narrador da obra “A Hora da Estrela” confessa essa condição ontológica ao afirmar: “Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido” (Lispector, 1998, p. 28). Assim, a palavra deixa de ser apenas um signo linguístico para tornar-se um “objeto gritante” que vibra entre o som e o silêncio, capturando a pulsação do “instante-já”.

Aprofundando a discussão sobre identidade e recepção, propõe-se a transição do “auto” (eu) para o “oto” (ouvido). Inspirada nas desconstruções de Nietzsche e Derrida, a “escrita como otoconhecimento perpassa a alteridade... sendo escrita com o corpo todo e com a vida” (Olanda, 2021). Tal prática exige uma ética da escuta e leitoras capazes de “ruminar” a obra, atentando para o “sussurro entre os fatos” para que o sujeito possa, enfim, vivenciar o seu próprio processo de tornar-se quem se é. Por fim, utiliza-se a “mixagem como leitura/escuta [que] busca captar o ‘sussurro’ do território e transformá-lo em matéria poética” (Silva e Medeiros, 2022), articulando a escrevivência das pesquisadoras à auralidade de espaços urbanos.

1 Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, UFFS, campus Erechim (RS), contato: [karina\\_oliveira1983@hotmail.com](mailto:karina_oliveira1983@hotmail.com)

2 Grupo de Pesquisa em Educação Emocional (GRUPEE)

3 Pós-doutorado em Arquitetura (UFRJ), docente na UFFS, campus Erechim (RS), **orientadora**.

## 2 Objetivo

Investigar como as práticas escriturais de Clarice Lispector na obra “A Hora da Estrela” constroem paisagens sonoras, orientando a prática de uma escrita de ouvido a partir da arte urbana em Erechim (RS).

## 3 Metodologia

O percurso metodológico da pesquisa<sup>4</sup> adota uma perspectiva interdisciplinar entre música, literatura e cidade, fundamentada na ontologia da escuta (Olanda, 2021) e no conceito de "escrita de ouvido" (Rocha, 2015). O percurso desloca as pesquisadoras para a posição de artistas-escutadoras por meio da deriva urbana e da escuta sensível. Para tanto, estrutura-se em três etapas: revisão bibliográfica sobre romances da escuta; mapeamento de objetos sonoros e sua classificação em biofonia, antropofonia e geofonia (Krause, 2013) em “A Hora da Estrela” (Lispector, 1998); e uma prática interventiva com laboratórios de escuta e oficinas de escrita de ouvido.

Essa última fase aplica a escrita de ouvido à paisagem urbana de Erechim através da leitura expandida dos seus *grafittis*. Nela, as inscrições nos muros deixam de ser puramente visuais e passam a operar como um texto aural e interface de escuta. Inspirada pela técnica clariceana, a pesquisa capta ressonâncias que funcionam como uma "fotografia muda" (Lispector, 1998). Por meio do procedimento de “mixagem de escutas” (Silva e Medeiros, 2022), articula-se a escrevivência com a materialidade das ruas, tratando traço, cor e volume como elementos de uma sinfonia da palavra que afeta o corpo das pesquisadoras escutadoras e registra a acústica do espaço.

## 4 Resultados e Discussão

### 4.1 Escutar estrelas, mapear paisagens

A partir do fichamento da obra “A Hora da Estrela”, identificou-se um total de 48 objetos sonoros, os quais estruturam a paisagem sonora da narrativa e evidenciam a construção da "escrita de ouvido" do narrador. A classificação das ocorrências revelou uma distribuição assimétrica entre as categorias de escuta, destacando-se a centralidade das manifestações humanas e tecnológicas na experiência urbana da protagonista Macabéa.

---

4 A ferramenta NotebookLM foi utilizada para apoio na síntese narrativa e na revisão textual, sob inteira responsabilidade e revisão crítica das autoras.

A antropofonia constitui a categoria com maior expressividade, perfazendo 71% dos registros (34 objetos sonoros). Esse grupo engloba desde manifestações expressivas e vocais diretas, tais como gritos puros, risos, sussurros e passos pesados, até produções musicais e tecnológicas que ritmo-pontuam a narrativa. Entre os principais elementos antropofônicos mapeados, destacam-se o tic-tac insistente da Rádio Relógio, o violino plangente, a ária "Una Furtiva Lacrima", a melodia sincopada, o rufar de tambor, as buzinas, a caixinha de música desafinada e o chiado do rádio. Cita-se como exemplo, "Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: **tic-tac-tic-tac-tic**" (Lispector, 1998, p. 56, grifo nosso).

As categorias de origem não humana complementam o universo acústico do romance em proporções menores. A biofonia responde por 17% da paisagem sonora (8 objetos sonoros), agrupando ruídos e vocalizações do reino animal, como o cantar do galo na Rua do Acre, o uivo do vira-lata, a passarinhada buliçosa, o relincho do cavalo e os cacarejos, elementos que evocam as reminiscências do sertão e a fragilidade da vida. "O **cantar de galo** na aurora sanguinolenta dava um sentido fresco à sua vida murcha" (Lispector, 1998, p. 39, grifo nosso). Neste exemplo, o galo na Rua do Acre é um som deslocado, um traço rural persistente no coração da zona portuária e comercial do Rio de Janeiro.

Por fim, a geofonia representa 12% das ocorrências (6 objetos sonoros), integrando fenômenos físicos e geofísicos como a chuva caindo, grandes ventanias soltas, o estrondo de átomos e o "surdo terremoto" interno vivenciado pela personagem como no exemplo, "[...] uma história com começo, meio e 'gran finale' seguido de **silêncio** e de **chuva caindo**" (Lispector, 1998, p. 23, grifos nossos).

#### 4.2 Escutar os muros, escrever com os ouvidos

A partir da cartografia literária de *Graffiti*<sup>5</sup> da cidade de Erechim (RS), foram realizadas derivas urbanas voltadas à escuta da paisagem sonora e à escrita de ouvido emergente destes muros.

A antropofonia abrange as sonoridades produzidas pela ação humana e por suas invenções mecânicas. Na escrita de ouvido das autoras, "Entre o concreto, o ferro e o ronco dos motores, pessoas transitam. Em busca de sonhos, vêm e vão. Nesse enredo, o *grafitti* é como um ônibus: conectado a ele, você pode ir aonde quiser" (Oliveira, Garcia e Maciel, 2025), a paisagem sonora urbana ganha centralidade. Esse excerto dialoga diretamente com a "escrita

---

<sup>5</sup> A cartografia literária "Escutar os muros" é um dos produtos autorais desta pesquisa e está disponível em <https://www.google.com/maps/d/u/2/edit?mid=1Ua4hNmTXWF9-cuxKeuKUfOHljK5t2u0&usp=sharing>

ao correr da máquina" de Clarice Lispector, na qual o ruído datilográfico imprime o ritmo do pensamento. Em "A Hora da Estrela", essa camada antropofônica sobressai no "rufar enfático de um tambor" e no som do "pneu do carro correndo em alta velocidade", capturando o instante-já de uma cidade em fluxo ininterrupto.

A dimensão biofônica compreende, nesta pesquisa, os sons dos organismos vivos como expressão da pulsação e da vitalidade do território. Embora o grito seja, em uma classificação acústica estrita, uma manifestação antropofônica, sua inscrição no mural é compreendida em uma perspectiva poética da biofonia, como manifestação elementar da vida. Essa força manifesta-se na escrita de ouvido das autoras: "Crianças de todas as cores, traços e jeitos revelam que o esporte não acolhe preconceitos. Neste mural, um mundo a se expressar; um grito de vida a nos inspirar" (Oliveira, Garcia e Maciel, 2025). Assim, o "grito de vida" é apreendido como expressão da potência vital que atravessa corpos e território, ecoando o direito ao grito do narrador e a matéria vivente de Lispector. Escutar a vida impressa no concreto significa deslocar a atenção da fonte sonora para sua força vital, acessando o *it selvagem* que resiste à domesticação cultural.

A geofonia engloba os sons do ambiente geofísico e o silêncio natural. Essa dimensão sobressai no excerto da escrita de ouvido das autoras "A noite me liberta do aço, a juventude afaga o cansaço... Cores que despontam em meio ao encanto da natureza convidam o olhar a uma pausa, um instante para refletir" (Oliveira, Garcia e Maciel, 2025). A pausa e a noite desenhadas no muro corporificam o silêncio clariceano, concebido não como ausência, mas como plenitude e respiração do mundo. A dimensão geofônica aproxima-se da atmosfera de "A Hora da Estrela", impregnada de "silêncio e de chuva caindo". Ao escutar a natureza que desponta no concreto, a escrita entra em contato com o "atrás do pensamento", onde o silêncio atua como provocação que redescobre a paisagem sob uma nova perspectiva.

## 5 Conclusão

Nesta pesquisa demonstra-se como as práticas escriturais nos romances da escuta de Clarice Lispector constroem paisagens sonoras e fundamentam a experimentação de uma "escrita de ouvido" sobre a arte urbana de Erechim (RS). O mapeamento em "A Hora da Estrela" revelou objetos sonoros com expressiva predominância da antropofonia, evidenciando a centralidade de sons humanos e sons tecnológicos na experiência urbana.

Conclui-se que o procedimento de mixagem de escutas consolida a escrita de ouvido como dispositivo para registrar e cartografar as paisagens sonoras urbanas contemporâneas. Ao articular a escrevivência à materialidade poética das ruas, capturando sonoridades e silêncios da cidade em tempo presente. Dessa forma, a investigação reafirma a escrita de ouvido na interseção entre literatura, música e cidade, oferecendo uma abordagem metodológica para a apreensão sensível do espaço contemporâneo e o registro crítico das paisagens sonoras das cidades.

### Referências Bibliográficas

KRAUSE, Bernie. **A grande orquestra da natureza**: descobrindo as origens da música no mundo selvagem. Tradução: Ivan Weisz Kuck. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ROCHA, Marília Librandi. Escritas de ouvido na literatura brasileira. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 19, p. 131–148, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLANDA, Quésia. O auto que se fez oto: escrevendo de ouvido a partir de Nietzsche, Derrida e Lispector. **Dossiê Derrida**, v. 2, p. 227-240, 2021.

OLIVEIRA, Karina Rocha; GARCIA, Guilherme Augusto Rossi. MACIEL, Marcela Alvares **Escutar os muros**. Erechim: 2025. Mapa. Elaborado no Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/2/edit?mid=1Ua4hNmTXWF9-cuxKeuKUfOHljK5t2u0&usp=sharing> Acesso em: 29 jul. 2026.

SILVA, João Pedro Goulart da; MEDEIROS, Roberto Henrique Amorim de. A mixagem como leitura/escuta de narrativas do território. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 33, e200136, p. 1-15, 2022.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade; escrita de ouvido; arte urbana

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2025-0381

**Financiamento:**

